

# A AÇÃO COMO PRECURSORA DO PENSAMENTO NO HUMANO

FERNANDA CRISTINA MARQUETTI <sup>1</sup>

ROBERTO TYKANORI KINOSHITA <sup>2</sup>

## RESUMO

Apresentamos a construção e a experiência de ensino do módulo “Ação como Precursora do Pensamento no Humano” no curso de Terapia Ocupacional da UNIFESP/Baixada Santista cujo objetivo foi criar uma matriz teórica centrada na ação humana e articular esse conjunto de conhecimentos nas diversas áreas da Terapia Ocupacional. Descrevemos alguns conceitos teóricos de autores de referência para este estudo que foram articulados com o campo da Terapia Ocupacional e verificados no processo de ensino do módulo como ferramentas para a fundamentação teórica desse campo de conhecimento. Posteriormente, discutimos alguns exemplos de metodologia utilizados nesse processo e os resultados junto aos alunos. O resultado mais significativo desse processo de ensino e aprendizagem foi a observação de uma valorização da profissão pelos alunos em questão, pois, na construção do módulo, entre docentes e discentes, buscaram-se subsídios teóricos próprios para a Terapia Ocupacional e também uma articulação com todas as áreas desse campo (saúde mental, campo social, reabilitação física, educação, etc.).

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional; Cognição; Atividades Cotidianas.

## ACTION AS PRECURSOR TO HUMAN THOUGHT

### ABSTRACT

This paper presents the aspects of a teaching construction and experience studied in the module “Human Action as a Precursor to Human Thought” which belongs to the Occupational Therapy Programme at UNIFESP/Baixada Santista and which goal was to create a theoretical basis centered on human action as well as to articulate this set of knowledge throughout the several different areas of Occupational Therapy. Some theoretical concepts formulated by authors of reference for this study which were related to the Occupational Therapy field and also checked during the module classes as tools for theoretical foundation of this field of knowledge were described. Later on, we discussed with the students some methodological examples used in this process and their results. The most significant result about this learning/teaching process was a valorization of the profession by the students. We must stress that during the module construction not only proper theoretical subsidies for Occupational Therapy but articulations with all areas of this field (mental health, social field, physical rehabilitation, education, etc.) were searched either by the faculty or by the student body.

**Keywords:** Occupational Therapy; Cognition; Activities of Daily Living.

---

<sup>1</sup> Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal Paulista – UNIFESP. Endereço eletrônico: [femarquetti@uol.com.br](mailto:femarquetti@uol.com.br).

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal Paulista – UNIFESP. Endereço eletrônico: [tykanori@hotmail.com](mailto:tykanori@hotmail.com).

## **INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA MATRIZ TEÓRICA DA AÇÃO PARA A TERAPIA OCUPACIONAL**

Neste artigo apresentamos a construção e a experiência de ensino na Terapia Ocupacional de um projeto que buscou elaborar uma matriz teórica e conceitual centrada no núcleo identitário da profissão: a ação humana. De sólido algumas vertentes da Terapia Ocupacional têm seus pressupostos teóricos e suas bases práticas ancorados em áreas como psicologia, sociologia, psicanálise, áreas da medicina e outras. Esse caminho para a fundamentação teórica da profissão contribuiu para resultados importantes. Entretanto, por vezes, esse percurso produziu vieses que se desviaram do foco principal da profissão: a ação e as atividades. Para o desenvolvimento de uma teoria centrada na ação humana, consideramos que um dos obstáculos está no pré-conceito de que a ação humana está fundada, é pressuposta (cronologicamente) e é determinada (logicamente) pelo pensamento. Nessa experiência optamos por um caminho alternativo ao tradicional, sustentado na dualidade mente/corpo no qual se supõe que as ações e/ou processos motores são determinados pelos processos cognitivo-afetivos. No módulo de ensino “A ação como precursora do pensamento no humano” buscamos novos pressupostos teóricos para a prática da Terapia Ocupacional a partir do processo da ação e das atividades e de seus efeitos na produção do humano. Nós compomos a nossa matriz teórica com trabalhos de autores como Humberto Maturana e Varela da Teoria da Enação (MATURANA, 2001) e Leroi-Gourhan (GOURHAN, 1965) numa abordagem monista do homem, na qual o sujeito se constitui a partir da sua história de coordenações [coordenações de ações] e [coordenações de emoções] na interação com os outros

e não a partir de uma mente transcendental *a priori*. Na teoria da Enação temos como principais conceitos: o acoplamento estrutural entre organismo e meio, a ação corporificada, a auto-organização como capacidade do sistema vivo de se transformar continuamente na interação com o meio, o conhecimento como processo auto-organizador, a natureza retroativa e recursiva dos sistemas dinâmicos na busca constante do equilíbrio, a causa e efeito transformando-se mutuamente, o sujeito como intérprete da realidade de acordo com suas estruturas, a circularidade como condição fundamental da auto-organização dos sujeitos, a complexidade dos diversos elementos que constituem um sistema, a refutação da fragmentação da realidade e a mudança como parte intrínseca da natureza da matéria (MATURANA, 2001).

Nesse processo de ensino mostramos, tanto na filogênese quanto na ontogênese, como os processos históricos de interação do corpo no seu meio geram as condições para a emergência dos modos de viver humano, que incluem a cultura e a linguagem. Nessa perspectiva, propusemos uma reflexão sobre a ação e a atividade como pré-condições ao processo de hominização da espécie e como elementos que engendram o sujeito humano. Ou seja, a reflexão tradicional sobre a formação do sujeito que tem o sentido “do-pensamento-à-ação” é invertida para “da-ação-ao-pensamento”. Este enquadramento teórico centrado na ação mostrou-se fecundo, pois permitiu o desenvolvimento de um conjunto de conceitos alternativos para a reflexão teórico-prática da profissão. Apresentamos a seguir no quadro 1 os tópicos do módulo e seus principais conceitos e noções, todos abordados nesse processo de ensino.

## Quadro 1: CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DO MÓDULO DE ENSINO

- \* A imagem do homem – o que nos distingue como humanos? Como distinguimos o ser vivo do não-vivo?
- \* Apresentação da teoria da autopoiese como referência para a compreensão do fenômeno da vida nos sistemas biológicos. Conceitos-chave: dinâmica molecular recorrente; organização e estrutura; determinismo estrutural; perturbações e interações destrutivas e crítica das interações instrutivas; acoplamento estrutural do sistema unicelular e adaptação; acoplamento estrutural de 2ª ordem (sistemas metacelulares) e de 3ª ordem (sistemas sociais); a deriva estrutural natural como compreensão da filogenia e da ontogenia dos sistemas vivos.
- \* O design dos corpos e o modo de vida – radialidade dos corpos estáticos/bilateralidade e simetria dos corpos moventes; relação boca/membros.
- \* A emergência do Humano – elementos da paleontologia para a compreensão da ação humana; a interrelação do complexo posição ereta/do encurtamento da face/da liberação da mão como referência para o surgimento do uso/fabricação de utensílios e da linguagem.
- \* Da configuração do corpo anatômico ao corpo social – As técnicas e a constituição da organização dos espaços.
- \* A Mão e o Cérebro – Cognição como ação efetiva – A constituição do Observador; Domínios de conduta – Linguagem como coordenação de condutas – o Sistema Nervoso e a determinação estrutural.
- \* Os aspectos da ação/fazer exteriorizados do homem e as consequências deste processo para o humano.
- \* A constituição e as rupturas do campo operatório e das cadeias operatórias.
- \* Os fundamentos básicos corporais: sensibilidade visceral e muscular, tato/olfato/gustação e integração espaço-temporal como determinantes na organização do pensamento e afeto do sujeito.
- \* A percepção e organização do tempo e do espaço consolidadas sobre a ação e o fazer do homem.

Naturalmente, não podemos expor e discutir toda a conceituação do módulo neste trabalho e assim vamos iniciar por dois dos conceitos que se mostraram fundamentais para nortear a articulação com a Terapia Ocupacional.

### **O COTIDIANO, O CAMPO OPERATÓRIO, AS CADEIAS OPERATÓRIAS E A TERAPIA OCUPACIONAL**

Neste artigo optamos por apresentar os conceitos de campo operatório, cadeias operatórias e sua articulação com a concepção de cotidiano no campo da Terapia

Ocupacional. Iniciamos pela exposição do conceito de campo operatório.

Gourhan (1965) concebe a organização dinâmica dos animais desde um ponto de vista analítico-funcional que toma a mobilidade como a característica significativa da evolução do homem demonstrando por argumentos paleontológicos que o cérebro aproveitou os progressos da adaptação locomotora, em vez de os provocar. Ou seja, na história evolutiva ele encontra evidências de como a evolução dos processos locomotores antecede

ao crescimento da caixa craniana e, portanto, das condições do pensamento na espécie humana.

Esse autor, ao tomar os processos nutricionais dos animais, destaca como eles estão ligados ao comportamento de busca. Ele introduz uma distinção entre a captura imóvel de alimentos e a captura dinâmica, o que lhe permite observar como os animais podem ser divididos em dois tipos de organização dinâmica: alguns têm os organismos construídos segundo um plano de simetria radial enquanto outros seguem um plano de simetria bilateral (GOURHAN, 1965).

Ao analisar os corpos de simetria bilateral e seus movimentos de busca relacionados com as funções nutricionais, observa um plano organizador geral em que o organismo se dispõe por trás do orifício alimentar (boca), gerando uma polarização anterior da boca e dos órgãos de preensão e de relação. Essa gestalt geral dos organismos implicada na sua dinâmica é caracterizada pela forma longitudinal, de simetria bilateral com polarização anterior da boca, dos órgãos de preensão e locomoção e dos órgãos de relação que asseguram a orientação, a referência e a coordenação dos órgãos de preensão e de preparação alimentar configurando o campo anterior de relação onde se desenrolam as operações mais complexas da vida dos animais de simetria bilateral.

Assim podemos identificar no campo anterior de relação três dimensões da vida: a locomoção (mão), a alimentação (boca) e o sensorio (órgãos do sentido). Essas dimensões da dinâmica dos organismos entrelaçam-se, combinam-se e complexificam-se funcionalmente no decorrer do processo evolutivo por substituições e transformações. De modo caricato, na nossa espécie a mão deixou de ser locomotora, para se tornar preensora no lugar da boca que, por sua vez, deixa de ser apenas orifício alimentar para ser articulador das palavras de modo que podemos fazer uma divisão em campo manual e campo facial (GOURHAN, 1965).

Ao observarmos a dinâmica dos seres humanos desde seu campo anterior de relação e as suas interações com o meio, podemos conceber a noção de campo operatório, que corresponde ao domínio de interações possíveis de um organismo, em um dado momento, sob determinada configuração estrutural. Essa noção de campo operatório permite compreender e analisar a relação entre a dinâmica de transformações estruturais que conservam o organismo vivo e as potencialidades e/ou possibilidades de interação referenciadas nas dinâmicas alimentares, de locomoção e de relação com os outros. É, justamente, nessas possibilidades de interação dadas no campo operatório que podemos referendar uma atuação terapêutica, pois elas privilegiam as ações humanas e as atividades do campo da Terapia Ocupacional.

Se o campo operatório se dá como possibilidade de interações e, conseqüentemente, de configuração estrutural do indivíduo, é nele que podemos operar mudanças estruturais no sujeito. E como o processo terapêutico-ocupacional pressupõe transformação ou criação de potencialidades pelo “fazer”, consideramos que nessas dimensões fundantes do campo operatório (dinâmicas alimentares, de locomoção, do sensorio e de relação com os outros) há um eixo norteador do fazer no cotidiano no processo terapêutico.

Nessa concepção de campo operatório podemos definir com base no mesmo autor outro conceito significativo para a Terapia Ocupacional: as cadeias operatórias.

Segundo ele, podemos definir o comportamento humano em três planos: “comportamento automático, comportamento maquinal e comportamento lúcido”. São os dois últimos níveis de comportamento que nos interessam para refletir sobre a prática da Terapia Ocupacional. “O comportamento maquinal é relativo às cadeias operatórias adquiridas pela experiência e pela educação”, que são inscritas no comportamento gestual e na linguagem. Essas cadeias operatórias desenvolvem-se numa “zona de penumbra” constituída por gestos

maquinais, incorporados no cotidiano do sujeito e não perceptíveis como gestos ou atos significativos (GOURHAN, 1965. p.25-26).

Entretanto, quando ocorre uma interrupção incidental de uma dessas cadeias no processo operatório nos damos conta de como são fundamentais na constituição do humano. É nessas situações que o “comportamento lúcido” intervém na reparação e reconstituição de cadeias operatórias renovadas. Na espécie humana “o comportamento operatório automático é encoberto pelo comportamento maquinal”, adquirido gradativamente na cultura (GOURHAN, 1965. p.26).

O comportamento maquinal e suas cadeias operatórias são “práticas elementares” e básicas, entretanto são vitais no indivíduo: “seus hábitos corporais, práticas de alimentação ou de higiene, comportamentos de relação com seus semelhantes” ou ainda gestos profissionais, gestos do cotidiano, como caminhar, dormir e outros. Esses encadeamentos de gestos são as cadeias operatórias cuja recursão “assegura o equilíbrio do sujeito no meio social e no seu próprio conforto psíquico” (GOURHAN, 1965. p.27).

A maior parte das cadeias operatórias é constituída na infância e adolescência e são fundamentais para a constituição do sujeito, pois o sujeito emerge quando incorpora (ação corporificada) um conjunto de cadeias operatórias socialmente consensuadas e que viabilizam o seu com-viver. O conceito de cadeias operatórias pode ser apropriado pela Terapia Ocupacional na medida em que esta privilegia o cotidiano e seus gestos banais como um de seus objetos de estudo e atuação. O cotidiano na Terapia Ocupacional é a área de atuação mais elementar e significativa, pois nele se conjugam as atividades que o homem desenvolve durante sua vida, construindo mundos plenos de sentidos. As atividades cotidianas, aparentemente comuns, rotineiras, elementares

conformam os fundamentos dos modos de viver humano. Nossa vida é composta de gestos ínfimos e elementares que, embora pareçam insignificantes, viabilizam o nosso viver cotidiano. Diariamente construímos e refinamos os processos de interação do corpo no seu meio, a coordenação de ações e emoções com os outros, e transformamos no tempo e espaço vividos esse gestual cotidiano que ao longo da nossa existência compõe a própria vida. Toda a ação humana que circula no pêndulo passado-futuro e pelos diversos lugares da existência são recursões do cotidiano, do presente vivido, ou seja, são abstrações sem corpo. A vida e os modos de viver cotidianos estão nas ações e gestos enatuados<sup>3</sup> no instante presente e não nas suas representações. Habitualmente acreditamos que o sentido da vida é construído através de eventos importantes, atos distintivos da rotina, celebrações incomuns, ações únicas, etc. Entretanto, esses eventos são apenas alguns pontos de suspensão do cotidiano e não têm significação, se não forem incluídos no conjunto de ações e emoções coordenadas do nosso presente. A vida acontece, diariamente, no cotidiano. Lembremos:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou naquela condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1996. p.31).

Apenas notamos o caráter constitutivo das atividades elementares do cotidiano vivido quando ocorrem rupturas das cadeias operatórias e perdemos a possibilidade de agir pela forma inscrita na nossa memória de corpo, de gestos, de sensibilidades e sentidos. Nessa perspectiva

<sup>3</sup> Enação: neologismo utilizado por Maturana (2001) denotando a simultânea constituição do mundo e do sujeito em ação.

a Terapia Ocupacional visa a reorganizar, reconstruir ou criar novas cadeias operatórias do cotidiano, tão fundamentais para o sujeito. O que pode significar para o sujeito a ruptura de suas cadeias operatórias? Sendo as cadeias operatórias as bases do comportamento individual, da maneira de se comportar no domínio do banal e do cotidiano, a ruptura dessas cadeias implica uma alteração estrutural do corpo indivíduo. As transformações estruturais são os modos pelos quais os seres vivos mantêm a sua organização e a vida, mas a intensidade dessas transformações ou as dificuldades particulares em configurar uma nova estrutura podem impedir o sujeito de reorganizar seu cotidiano. Portanto, quando há rupturas na cadeia operatória do cotidiano, a Terapia Ocupacional, pelas suas atividades compartilhadas numa coordenação de ações e emoções, pode auxiliar na configuração/criação de novas cadeias operatórias ou reconstituir as cadeias operatórias antecedentes.

Observamos que a intervenção da Terapia Ocupacional situa-se numa “zona profunda da memória” como conceitua o autor, na zona dos “hábitos incorporados, dos comportamentos constitutivos e que mantém relação limitada com a linguagem” (GOURHAN, 1965. p.28).

A Terapia Ocupacional faz suas intervenções no domínio do banal e do cotidiano e interfere nessa zona de memória corporal: dos hábitos familiares, dos gestos rotineiros, das práticas elementares constituídos ao longo da vida. A intervenção nessa zona de penumbra se dá aquém da linguagem para reparar uma ruptura incidental na cadeia operatória maquinal e criar novas potencialidades de vida.

Quando não se dá a restituição ou a criação de novas cadeias operatórias, o sujeito perde o sentido de seu cotidiano e assim se desenraiza da sua vida habitual. A perda de pequenos gestos, ações e atividades podem desorganizar o sentido de vida dado pelo cotidiano, pois o sujeito ao agir no cotidiano através de suas cadeias

operatórias, concomitantemente, estrutura a si mesmo e a sua vida. Nesse sentido, nos processos Terapêuticos Ocupacionais onde o sujeito é convidado a “pensar” com o corpo e com suas ações, operamos com a construção de novas cadeias operatórias.

## **METODOLOGIA: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO MÓDULO DE ENSINO**

### **Organização do módulo de ensino**

Esse módulo de ensino foi ministrado desde o início do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo/Baixada Santista e até o momento esse processo de ensino se deu em três turmas (nos anos de 2007/08/09), cada uma composta de 30 alunos. A carga horária do módulo é de 4 horas semanais, com 20 encontros no semestre, totalizando 80 horas semestrais.

O módulo é proposto aos alunos em sala de aula como um processo de ensino específico para o curso de Terapia Ocupacional, com base em conceitos que valorizam a identidade profissional e que buscam uma fundamentação teórica específica para a profissão. Também esclarecemos aos alunos que o módulo é composto de dois blocos concomitantes que ocorrem em paralelo ao longo do semestre: um de aulas teóricas, que articulam autores diferentes daqueles usualmente abordados na área, e o outro de aulas-vivências que visam a fazer experimentações sobre os conteúdos teóricos estudados. As aulas-vivências são específicas para cada tema do módulo e neste artigo vamos expor algumas estratégias das aulas vivenciais do tema abordado: as cadeias operatórias.

A forma de acompanhamento e avaliação dos alunos nesse módulo se dá por meio de diários de classe onde os alunos elaboram suas reflexões a partir de algumas diretrizes apontadas pelos professores: as percepções e conexões entre as aulas teóricas e as aulas-vivências, as possíveis relações entre o conteúdo deste módulo

e os outros módulos do curso e as relações entre o conteúdo do módulo e os conhecimentos adquiridos sobre a prática da Terapia Ocupacional.

O módulo é ministrado por dois docentes, um deles da área de Terapia Ocupacional e o segundo de outra formação acadêmica e especialista na Teoria da Enação. A possibilidade de uma apresentação dos conteúdos do módulo por dois docentes com diferentes formações, complementares, mas, por vezes, com perspectivas e concepções diversas, enriquece a produção acadêmica junto aos alunos.

A experiência de ensino é analisada ao final de cada módulo ministrado nas turmas do curso de Terapia Ocupacional por meio de sistema de avaliação padronizado da instituição e, também, de uma discussão grupal livre com todos os alunos da turma e os dois professores responsáveis.

### **PRESSUPOSTOS PEDAGÓGICOS**

Os pressupostos teóricos dessa abordagem pedagógica estão conciliados com o próprio conteúdo programático do módulo de ensino. Ou seja, são elementos indissociáveis, pois a metodologia pedagógica e o conteúdo ministrado baseiam-se na mesma concepção teórica de homem e mundo. A seguir apresentamos na forma de tópicos esses pressupostos destacados da *Biologia do Conhecimento* de Maturana e Varela (MATURANA, 2001):

1) Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer.

O fenômeno de conhecer não se equipara à existência de fatos ou de objetos “lá fora” que são captados e armazenados em nossa cabeça. A experiência de algo “fora” é possível pela estrutura humana que torna possível a “coisa” que surge na descrição. É inseparável o nosso “ser de uma maneira particular” (estrutura corporal gerada historicamente na nossa ontogenia) e como o mundo nos parece ser. Por isso há uma circularidade entre ação e experiência vivida.

2) Emoções são disposições corporais que especificam domínios de ação.

As emoções são estados ou configurações do organismo em determinado momento e, como as transformações possíveis de uma estrutura são determinadas pela sua condição presente, o estado emocional determina quais as ações possíveis para um organismo.

3) A linguagem e o linguajar se constituem como processos de coordenação de coordenação consensual de ações e de emoções.

Os sistemas vivos podem desenvolver modos de vida coletivos em que o viver dos indivíduos se dá pela coordenação das ações e emoções entre eles de forma espontânea. Essas coordenações simples podem se complexificar pela estabilização dessas ações coordenadas, gerando consensos operacionais espontâneos. Tais coordenações consensuais podem ser tomadas como ponto de referência para novas coordenações, gerando novas coordenações que podem se estabilizar em novos consensos. A essência da linguagem está nesse processo de produção de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações e emoções, que geram as bases para a formação de jogos de palavras. Segundo Wittgenstein, a linguagem seria “uma atividade pura-mente convencional, fruto do empenho cotidiano de homens envolvidos com a resolução de problemas comuns” (BRIGATTI e RODITI. p.38-43).

4) O Fazer humano se dá necessariamente na linguagem.

É a maneira particular de sermos humanos. Ou seja, tudo o que fazemos, fazemos no espaço constituído pelo nosso modo de vida centrado no linguajar.

5) Ao se fazer uma distinção gera-se um mundo.

Todo processo cognitivo, isto é, ato de conhecer, se dá através de uma ação elementar mínima: um ato de

distinção. No caso do modo de viver humano, distinção é uma ação linguística realizada por um observador que introduz uma diferença ao designar um “designado”, destacando-o desde um fundo.

6) Toda distinção implica um critério de distinção, que designa aquilo de que falamos e especifica suas propriedades como ser, unidade ou objeto.

O critério de distinção é gerado pelo ato do observador e não se encontra na coisa observada e, portanto, fala mais das características do observador do que da própria coisa.

7) Tudo o que é dito, é dito por um Observador a outro Observador, que pode ser ele mesmo.

Esse aforismo indica que não há discurso sem que alguém o tenha dito. Todo e qualquer discurso é feito a partir de um ponto de observação, feito por alguém particular, num lugar particular. E como corolário dos itens anteriores, toda reflexão gera um mundo.

Do quadro conceitual acima se compreende que educar se constitui no processo em que os indivíduos convivem com outros e, ao conviverem, “se transformam espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência” (MATURANA, 1989. p.98). O educar ocorre o tempo todo e de maneira recíproca, como uma transformação estrutural contingente com a história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. Seguindo essas perspectivas no ensino as nossas aulas são sempre compostas por reflexões, vivências e apresentações teóricas dialogadas. Os alunos aprendem no conviver, compartilhando e gerando consensos no seu operar e na reflexão sobre as suas vivências, e vão se transformando segundo as possibilidades estruturais de cada momento.

## **A CONCEPÇÃO DO MÓDULO**

O módulo de ensino foi concebido dentro da grade curricular do curso compondo com os conteúdos dos módulos de fundamentos da Terapia Ocupacional e de Atividades e Recursos Terapêuticos. Buscamos através de sua elaboração a criação de uma matriz teórica que atravessa todas as áreas do curso e cria uma noção de conjunto para as diversas áreas profissionais da Terapia Ocupacional.

Ao empreender tal proposta de ensino adotamos a metodologia de ensino da instituição. O projeto político-pedagógico do campus Baixada Santista da UNIFESP propõe situações de ensino e aprendizagem envolvendo aulas dialogadas, situações de vivência de campo, experimentações, interações grupais, ênfase na prática como desencadeante da aprendizagem, enfim, há uma proposta de formação ativa e participante utilizando diversos dispositivos e estratégias de ensino inovadoras. Os recursos, técnicas e equipamentos utilizados no processo de aprendizagem do módulo foram vários: aulas dialogadas, vivências, análise de gestos do cotidiano com os conceitos de cadeias operatórias, experimentações corpóreas de tato, orientação temporal e espacial, olfato, paladar para comprovar a importância das ações/emoções na formação do pensamento/sentimento, dinâmicas averbais que revelaram a coordenação de ação e emoção como fundamental no sujeito, a vivência de exteriorização dos gestos e objetos no humano e outros.

Ao final do processo de aprendizagem das três turmas observamos uma significativa valorização da profissão, pois durante o processo os alunos participaram ativamente na construção de articulações teóricas da Terapia Ocupacional. Entretanto, em todas as turmas, no início do processo houve um momento de apreensão e dificuldade para se reorganizarem numa forma de pensamento pouco convencional. Pois os pressupostos

da Teoria da Enação abordados na primeira parte do módulo promovem uma desorganização na concepção clássica de homem e mundo. Ao longo do módulo, com duração de um semestre, os alunos elaboraram um diário de classe reflexivo com relatos sobre a incorporação das teorias, vivências e sua articulação com a futura profissão. Salientamos que várias das construções e articulações com a Terapia Ocupacional incorporadas no módulo tiveram efetiva participação dos alunos. Pois, estes relacionavam o conteúdo do módulo “Ação Humana” (como os alunos o nomearam) com os módulos do eixo específico da Terapia Ocupacional e dissertavam nos seus diários de classe ou discutiam na sala de aula. Assim, os alunos produziram articulações teóricas, entre o módulo e outros específicos da Terapia Ocupacional, que somente eles poderiam fazer. Esse procedimento tornou o módulo uma verdadeira construção teórica entre docentes e discentes.

## **RESULTADOS: O ENSINO SOBRE AS CADEIAS OPERATÓRIAS AOS ALUNOS**

Conforme citamos, os alunos do curso de graduação de Terapia Ocupacional da UNIFESP/Baixada Santista participaram ativamente da construção da matriz teórica do módulo, sendo uma construção efetivada no espaço didático em situações de aprendizagem diversas. Assim, descrevemos uma experiência metodológica de ensino, e também, alguns trechos dos diários de classe das alunas que desenvolveram a experimentação, o que demonstra essa construção.

Uma das atividades práticas desse módulo de ensino foi uma experimentação no Laboratório de Atividades da Vida Diária. Foi proposta uma atividade didática para experimentar e refletir sobre as cadeias operatórias, pois como essas cadeias de gestos estão na “zona de penumbra” é pouco percebida sua importância na vida do sujeito. As alunas apresentaram no espaço do

laboratório o gestual do seu cotidiano nos seguintes atos: chegar à sua casa no final do dia, jantar, tomar banho, ir deitar-se, dormir, acordar pela manhã, tomar café da manhã, vestir-se e sair de casa para a faculdade. Enfim, elas deveriam representar em detalhes e da forma mais fidedigna possível suas cadeias operatórias nesses gestos cotidianos, sem relatar verbalmente os atos que apresentavam. Essa tarefa, aparentemente tão simples, revelou muitas questões.

Vejamos trechos do relato da experiência nessa atividade.

Sempre fui muito agitada e metódica, desde pequena. Eu gosto de tudo certo e no seu lugar. Mas não me considero obcecada por organização, mas acredito que ela facilita a nossa vida. Não gosto de ficar procurando as coisas, mas sim de saber onde elas estão. A rotina é algo que considero essencial a minha vida, porque sem ela com certeza ficaria louca, mas ao mesmo tempo acho fundamental para o ser humano mudar esta rotina, pelo menos nem que seja só a ordem das atividades (CANON, 2008)<sup>4</sup>.

Esse trecho fala de alguns aspectos importantes das cadeias operatórias: o ritmo e a ordem. A variação no tempo e espaço com que podemos executar nossas cadeias operatórias são aspectos fundamentais na sua constituição. Nossos gestos elementares possuem uma velocidade no espaço vivido, ou seja, nosso ritmo. E a ordem/desordem, ou melhor, diferentes formas de organização são aspectos fundamentais nas cadeias operatórias de cada sujeito. A aluna refere que sua vida é facilitada pela ordem nas suas cadeias operatórias, pois ela “pode saber onde estão as coisas...” Nessa dimensão se revela a importância da nossa relação com os objetos do nosso campo operatório. Também a aluna apreende como a ordem nas cadeias operatórias é

<sup>4</sup> CANON, M. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

essencial e que sem esses gestos ordenados ficaria “louca”. Observamos essa peculiaridade da concepção de loucura: a ausência das cadeias operatórias do sujeito. As concepções tradicionais de loucura (médica ou psicológica) foram espontaneamente substituídas por um conceito de loucura impregnado da importância do gestual e da ação. Ou seja, o sujeito quando apartado das suas cadeias operatórias perde o sentido de seu cotidiano e assim se desenraiza da sua vida. A loucura pode ser observada de outro ângulo: o desenraizamento do mundo.

Ela também observa sua necessidade de alterar as cadeias operatórias e sua ordem, pois para ela a rotina e suas cadeias operatórias são essenciais, mesmo que para serem transformadas. Ela relata:

Gosto de conhecer lugares novos, experimentar comidas, bebidas, cheiros, gosto de conhecer pessoas e conversar... Adoro as sensações, os sentidos sem dúvida nenhuma são fundamentais para os seres humanos, são através deles que conhecemos o mundo, que vivemos. Mas ao mesmo tempo em que gosto do novo, costumo manter velhos hábitos e quando gosto do jeito que faço alguma coisa é difícil para eu mudar (CANON, 2008)<sup>5</sup>.

Ela revela a sua necessidade de conhecer coisas novas do mundo através das interações, das sensações, dos seus sentidos e das suas ações, entretanto, sem destruir seus “velhos hábitos”. Essa descrição nada mais é que sua forma de conhecer o mundo através da constituição de novas cadeias operatórias e da interação do corpo com o mundo pelos sentidos. Mas, sem danificar suas cadeias operatórias anteriores resguardadas nos pequenos gestos da sua zona de penumbra na memória corporal. Os hábitos incorporados tornam-se gestos constitutivos do humano. Ela refere:

Nessa aula pude perceber o quanto o modo que tomo banho, cada etapa que faço, é importante para mim, para eu me sentir bem. Para mim tudo era tão automático que não parava para prestar atenção em algo tão importante. Com isso concluí que as nossas cadeias operatórias além de serem únicas são necessárias para o bem estar psicológico, e quando acontece uma ruptura, uma quebra no ritmo, desestrutura não só o nosso cotidiano, mas o sujeito (CANON, 2008)<sup>6</sup>.

Quando ela cita: “Para mim tudo era tão automático que não parava para prestar atenção em algo tão importante” (CANON, 2008) temos a observação das cadeias maquinais com os seus comportamentos automáticos referidas na teoria. E a constatação de que a ruptura das cadeias operatórias maquinais do sujeito, no seu ritmo ou no seu conjunto de gestos, afeta a própria estrutura do sujeito. No final de seu diário a aluna considera: “A Terapia Ocupacional atua justamente nessa base do sujeito, ela pode reconstruir o que foi perdido, pode retomar e pode criar novas cadeias operatórias, atentando-se a cada mínimo detalhe, a cada gesto, cada forma de se fazer, que dá o significado à vida do sujeito...” (CANON, 2008)<sup>7</sup>.

Em outro diário de aluna, que experimentou a mesma atividade, podemos observar que aspectos diferentes da aprendizagem foram ressaltados. Assim citamos alguns fragmentos desses diários:

“Creio que a diferença entre as duas alunas estava no ritmo dos acontecimentos. Enquanto a M. tinha um jeito metódico de realizar as tarefas, uma certa pressa e uma eficiência melhor (se é que assim podemos chamar a realização de atividades como arrumar a cama, pegar coisas espalhadas...), eu me mostrei mais displicente com o mundo. E eu sou assim mesmo. É como se existissem coisas que ao meu ver beiram a

<sup>5</sup> CANON, M. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem.

banalidade e por isso não precisam de preocupações, muito menos de pressa na realização. Tomar banho não é só se manter limpo e sair correndo, é ter aquele momentinho meu. Gostoso, que vai fazer com que eu me sinta bem. Não arrumar a cama não quer dizer que eu não possa viver cartesianamente, nos parâmetros do quadrado e ordenado, significa simplesmente que a desordem não abala meu ciclo de vida. Ou abala e eu não percebo? Esses pensamentos e sensações (ritmos corporais) são traduzidos nos seres humanos pelas cadeias simbólicas. Algumas são muito sutis para que sejam representadas, a essas coisas chamamos de cadeias infra-simbólicas” (CAMPOS, 2008)<sup>8</sup>.

A alteridade nas formas de “fazer” e “ser” torna-se evidente nesse relato. Aqui a desordem não causa angústia e ela questiona as cadeias operatórias metódicas da outra aluna. Também ressalta a banalidade de alguns atos (e ao mesmo tempo sua importância para o sujeito) e observa que a sutileza desses atos banais os remete para uma cadeia infrassimbólica, mas que se mantém atuante no indivíduo.

Seguem algumas reflexões de duas outras alunas, elaboradas a partir da observação da dessa atividade:

“A rotina de uma criança precisa que seus pais organizem suas cadeias operatórias [...] uma cadeia operatória que foi criada em minha infância e que até hoje é um hábito em minha rotina é a forma que tomo banho” (VIDA, 2008).<sup>9</sup>

“Cada etapa da vida é uma mudança em nossas cadeias operatórias, em que nossos hábitos, o jeito de agir mudam conforme os anos. Ser Terapeuta Ocupacional é aos poucos fazer alterações na vida do paciente e em suas cadeias operatórias, tendo o privilégio de enriquecer o

cotidiano nos diferentes ciclos de vida” (OLIVEIRA, 2008)<sup>10</sup>.

Observamos nesses trechos proposições e reflexões sob óticas diferentes quanto aos ciclos de vida e suas relações com o campo da Terapia Ocupacional. Algumas cadeias operatórias da infância se fixam no indivíduo, mas outras se transformam ao longo da vida, num processo de transformação do cotidiano que revela as mudanças estruturais do sujeito e no qual a Terapia Ocupacional pode auxiliar.

Outro aspecto pertinente ao tema e ressaltado no diário das alunas sob diferentes ângulos refere-se às rupturas das cadeias operatórias. As alunas elaboraram diferentes articulações com o conceito nas áreas da Terapia Ocupacional. Vejamos algumas colocações:

“O jeito que realizamos coisas simples, muitas vezes, não é percebido, nos só percebemos as nossas cadeias operatórias a partir do momento que não conseguimos mais realizá-las. Essa ruptura da cadeia operatória pode acontecer de uma maneira boa, por exemplo, ao entrarmos na faculdade ocorre o rompimento das cadeias operatórias que tínhamos em nossa casa, a nossa rotina muda, sentimos falta de algumas cadeias operatórias que realizávamos, mas como temos um objetivo para alcançar acabamos compensando a ruptura destas cadeias de alguma maneira” (ANDRADE, 2008)<sup>11</sup>.

“Um paciente institucionalizado sempre perde seu comportamento maquinal, pois ele está inserido numa nova ordem de cadeia operatória. (que é mais funcional para um melhor andamento da instituição). Mas, com isso ameaça seu modo de vida. Vale a pena destacar que as cadeias operatórias são mutáveis devido ao convívio com os outros e também por reflexões pessoais. Mas no caso do paciente institucionalizado,

<sup>8</sup> CAMPOS, R. S. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>9</sup> VIDA, C. P. C. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, F. B. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>11</sup> ANDRADE, N. B. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

isso não mudou de maneira natural, ele foi obrigado a mudar para respeitar as ordens da instituição. Acredito que a longo prazo eles incorporam totalmente essa nova maneira de ser e assim acabam perdendo suas identidades” (POSSEDENTE, 2008).<sup>12</sup>

“Nossos comportamentos interiorizados, denominados cadeias operatórias, revelam o problema das relações entre indivíduo e sociedade. O indivíduo socialmente inserido é aquele que pode desenvolver as cadeias operatórias nos momentos normais da existência” (CRUZ, 2008).<sup>13</sup>

“A rotina do aparelho fisiológico pode ser quebrada por diversos fatores e quando ocorre ruptura no equilíbrio rítmico ocorrem transformações e, então, surge assim atuação da Terapia Ocupacional. Em casos de ruptura de equilíbrio rítmico acredito que a Terapia Ocupacional irá atuar em duas dimensões: tanto no sentido de auxiliar na tolerância do sofrimento até o ritmo se re-estabelecer, quanto no sentido de construir novos equilíbrios rítmicos (VIDA, 2008).<sup>14</sup>

“Quando ocorre algum evento que interrompe nosso comportamento maquinal sempre ficamos com a sensação que as coisas eram melhores antes. O retorno à “normalidade” torna-se um objetivo. Porém, não é assim, nosso dia a dia está sempre se refazendo. Na maioria das vezes tudo que planejamos ao acordar sofre influências do ambiente e nossos planos sofrem mudanças. Compreender que a “normalidade” é algo fictício torna-se um dos passos mais importantes para a pessoa que sofreu mudanças no seu comportamento maquinal. A normalidade dela na nova circunstância será apenas diferente” (MORETTO, 2008).<sup>15</sup>

Notamos que nesses trechos de diários está desenhado um peculiar e gradual deslizamento que os alunos promoveram entre as concepções tradicionais de doença e uma concepção de adoecimento baseada na alteração de campo operatório e rupturas de cadeias operatórias.

## **DISCUSSÃO FINAL**

No processo de aprendizagem dessas três turmas de alunos do curso de Terapia Ocupacional observamos uma valorização da futura profissão por parte dos alunos, destacando-se como fator relevante na avaliação dos alunos o fortalecimento da identidade da profissão e a percepção de uma qualificação própria para a Terapia Ocupacional. O módulo da “Ação Humana” (como foi nomeado pelos alunos) e sua articulação com diversas áreas da Terapia Ocupacional deram legitimidade à formação, pois os alunos perceberam várias áreas da profissão refletidas num mesmo viés.

Os conceitos de campo e cadeia operatória foram, particularmente, significativos para os alunos, que passaram a usá-los em outros módulos de ensino de diferentes áreas do curso. Também, nos trechos dos diários de campo dos alunos, citados anteriormente, pudemos observar como eles articularam o conceito de cadeias operatórias com diferentes áreas e problemas enfrentados no campo da Terapia Ocupacional: a institucionalização e a identidade dos sujeitos, as controversas entre o normal e o patológico, as disfunções físicas e suas consequências no ritmo da vida, a inclusão observada pela ótica das cadeias operatórias, a constituição ou perda da identidade via cadeias operatórias, o processo de transformação do sujeito no cotidiano da vida, etc.

Muitas vezes os alunos já demonstram predileção por diferentes áreas da profissão durante a própria graduação. E, na tentativa de refletir sobre a sua futura área de atuação a partir da matriz teórica do módulo, eles trouxeram formulações entre o referencial teórico e sua área eleita que, às vezes, os docentes não haviam concebido. Esse processo reiterou nossos fundamentos

<sup>12</sup> POSSEDENTE, L. M. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>13</sup> CRUZ, A. F. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>14</sup> VIDA, C. P. C. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos, 2008.

<sup>15</sup> MORETTO, P. Diário de classe/Manuscrito do módulo “A ação como precursora do pensamento”. Santos 2008.

pedagógicos baseados num processo ativo de aprendizagem.

A possibilidade de observar os diferentes campos de atuação da Terapia Ocupacional refletidos num único referencial teórico e apartado dos clássicos apoios teóricos da profissão (medicina e psicologia) foi fundamental nesse processo de aprendizagem dos alunos. Geralmente, eles referem que vivenciam o curso com áreas de atuação fragmentadas, sem referências teóricas próprias e comuns, o que gera insegurança quanto à identidade profissional. Portanto, observamos que o módulo de ensino teve como principal contribuição para a formação dos alunos de Terapia Ocupacional a conjugação das diversas áreas da profissão e a construção de um referencial teórico baseado na Ação Humana.

Outra contribuição desse módulo de ensino, que julgamos importante para o curso de Terapia Ocupacional, foi o desencadeamento do projeto de monitoria intitulado: “Estudo da Ação Humana, de Atividades e Recursos Terapêuticos na Terapia Ocupacional”. Esse projeto envolveu seis módulos do curso de Terapia Ocupacional: Atividades e Recursos Terapêuticos I: Cotidianos e Repertório de Atividades; Atividades e Recursos Terapêuticos II: Atividades de Vida Diária, Vida Prática e do Trabalho; Atividades e Recursos Terapêuticos III: Atividades Lúdicas e Lazer; Atividades e Recursos Terapêuticos IV: Processos Criativos, Atividades Expressivas e Comunicação Humana; Atividades e Recursos Terapêuticos V: Tecnologia Assistiva, Órtese, Prótese e Adaptação e A Ação como Precursora do Pensamento no Humano. Cada um dos módulos de Atividades e Recursos Terapêuticos possui suas especificidades e o módulo A Ação como Precursora do Pensamento no Humano se apresentou como eixo central. Nesse projeto buscamos proporcionar maior interação com os diferentes módulos específicos e identificar e relacionar os conceitos teóricos do módulo central com os módulos de Atividades e Recursos Terapêuticos.

Quanto às dificuldades desse processo podemos abordar

as questões sob dois eixos. Quanto aos alunos, dentre as dificuldades observadas na construção e experiência desse módulo de ensino, citamos o estranhamento e a dificuldade inicial dos alunos quanto às terminologias e bases teóricas utilizadas, à medida que elas não são utilizadas no corpo teórico tradicional da Terapia Ocupacional. Também a forma de conceituação do humano da Teoria da Enação e sua inversão no postulado tradicional entre pensamento e ação foram pontos de difícil assimilação. A maioria dessas dificuldades foi solucionada pelas aulas práticas nos laboratórios de Atividade e Recursos Terapêuticos, sendo a estratégia do módulo utilizar a própria ação, sensibilidades e ritmos corpóreos, processos de coordenação de ação e emoção em tarefas averbais. Essas estratégias foram úteis para demonstrar os conceitos teóricos abordados e sua possível articulação com o campo da Terapia Ocupacional.

Quanto ao conjunto geral, observamos alguns pontos de dificuldade no diálogo com outros docentes do curso de Terapia Ocupacional, na medida em que desconheciam os conceitos e articulações teóricas adotados no módulo. Ou seja, quando os alunos levavam esses conceitos para outros módulos do curso, nem sempre houve facilidade na sua assimilação. Um dos objetivos do projeto de monitoria, citado anteriormente, foi facilitar a interação entre os diversos módulos do curso e o módulo A Ação como Precursora do Pensamento no Humano.

O problema se repetiu quando os alunos foram aos estágios externos e tentaram aplicar e discutir as concepções adotadas no módulo. Isso nos influenciou fortemente a divulgar o processo do módulo e compartilhar nossas articulações para o campo da Terapia Ocupacional com outros profissionais.

Finalizando, observamos que não pudemos discutir a totalidade das experiências e articulações teóricas do módulo neste artigo, mas pretendemos apresentar e

caracterizar os outros conceitos utilizados nessa experiência de ensino em reflexões futuras. Neste artigo apresentamos um dos recortes teórico-práticos do módulo e o colocamos para discussão com outros docentes e profissionais da área. Com estas reflexões aqui apresentadas, esperamos contribuir para uma construção teórica e prática que conjugue as diversas áreas de atuação da Terapia Ocupacional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRIGATTI, E.; RODITI, I. Como é que chama o nome disso? Ou como os Físicos estudam o nascimento das palavras. *Ciência Hoje*, v. 45, n. 270, p.38-43, 2009.

CERTAU, M; GIARD, L.;MAYOL, P. *A Invenção do cotidiano*.Vol. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 31.

GOURHAN, A. L; A. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Vol. I, Lisboa: Editora Perspectivas do homem, 1965.

GOURHAN, A. L. A. *O gesto e a palavra: memória e ritmos*. Vol. II, Lisboa: Editora Perspectivas do homem, 1965.

MATURANA H; *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MATURANA, H., VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2001.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MATURANA, H., YANEZ, X. D. *Habitar Humano*. São Paulo: Editora Palas Atena, 2009.

VÁSQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. São Paulo/ Buenos Aires: Editora CLACSO, 2007.

Recebido: 07/12/2009

Revisão: 29/06/2010

Artigo aceito: 14/07/2010